



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Mensagem de Natal

Guido Arturo Palomba

No dia 25 de dezembro comemora-se universalmente o dia em que Jesus Cristo nasceu. A razão da data festiva ser exatamente neste dia pode provir do calendário civil romano. Aureliano, no ano 274, introduziu, neste dia, a celebração do culto do Sol Invictus, com a finalidade de comemorar o solstício invernal, isto é, o tempo em que o sol chega ao ponto da eclíptica mais distante do equador, no trópico de Capricórnio, onde parece estacionar por algum tempo, gerando o dia mais curto do inverno. Na mesma data registram-se outras manifestações festivas, tais como as da Arábia (239 d.C.), para a celebração do Nascimento do Sol. Destarte, na antiguidade, o dia 25 de dezembro tinha um não sei quê de magia, de simbolismo, de astronomia e profecia, de sol e luz, e passou a ser a data da comemoração do nascimento de Cristo.

Os cristãos dos primeiros tempos não festejavam data de

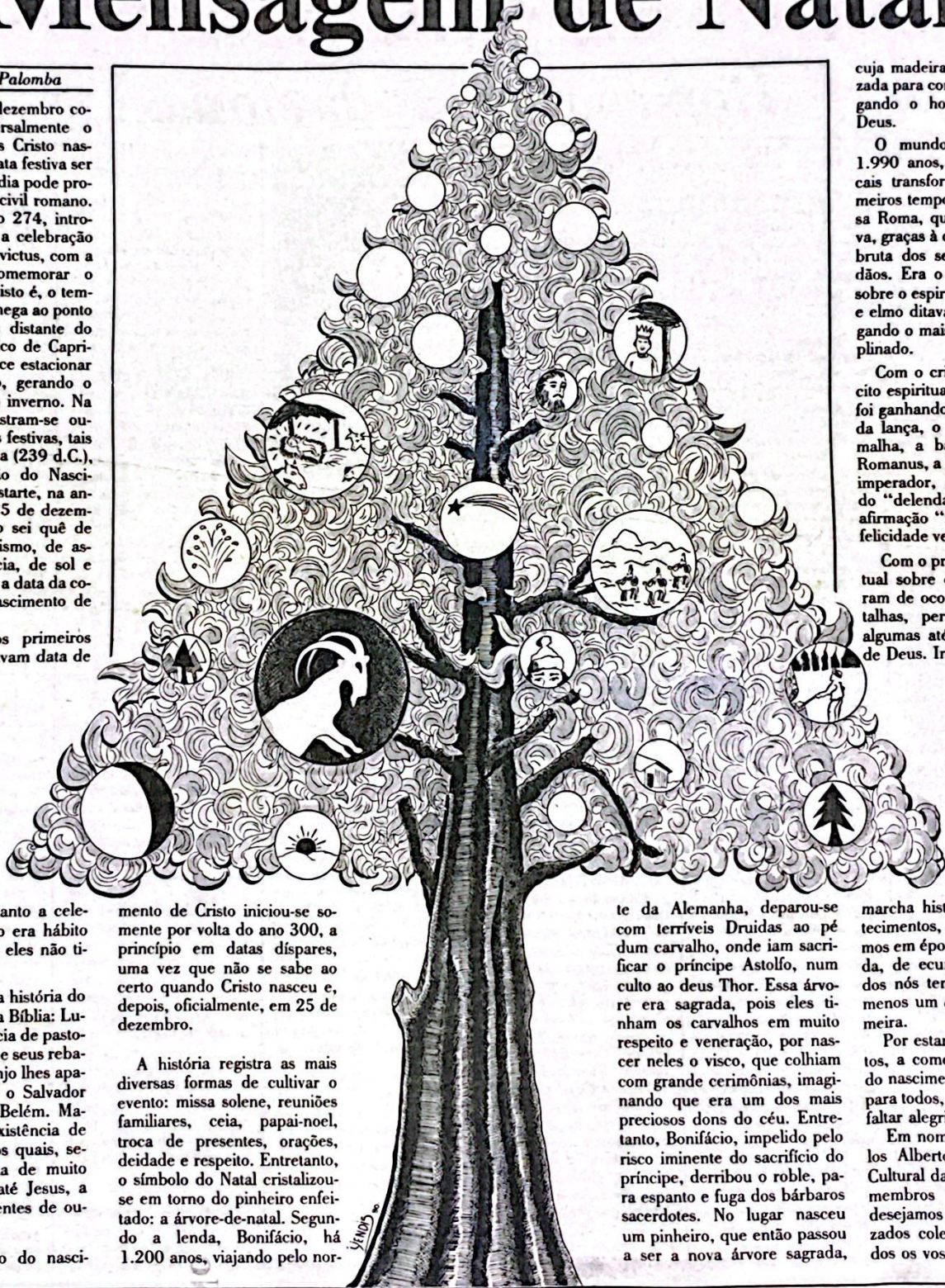
nascimento, porquanto a celebração do natalício era hábito pagão, o que para eles não tinha valimento.

A maior parte da história do Natal originou-se na Bíblia: Lucas relata a existência de pastores que cuidavam de seus rebanhos quando um anjo lhes apareceu e disse que o Salvador havia nascido em Belém. Mateus refere-se à existência de três Reis Magos, os quais, seguindo uma estrela de muito brilho, chegaram até Jesus, a quem deram presentes de ouro.

A comemoração do nasci-

mento de Cristo iniciou-se somente por volta do ano 300, a princípio em datas dispareas, uma vez que não se sabe ao certo quando Cristo nasceu e, depois, oficialmente, em 25 de dezembro.

A história registra as mais diversas formas de cultivar o evento: missa solene, reuniões familiares, ceia, papai-noel, troca de presentes, orações, deidade e respeito. Entretanto, o símbolo do Natal cristalizou-se em torno do pinheiro enfeitado: a árvore-de-natal. Segundo a lenda, Bonifácio, há 1.200 anos, viajando pelo nor-



cuja madeira poderia ser utilizada para construir casas, abrigando o homem na paz de Deus.

O mundo, nesses últimos 1.990 anos, passou por radicais transformações. Nos primeiros tempos havia a poderosa Roma, que tudo conquistava, graças à disciplina e à força bruta dos seus valentes cidadãos. Era o reinado do físico sobre o espiritual, onde espada e elmo ditavam norma, subjulgando o mais fraco e o indisciplinado.

Com o cristianismo, o exército espiritual a pouco e pouco foi ganhando do outro. Em vez da lança, o terço; da cota de malha, a batina; do Senatus Romanus, a Igreja; da coroa de imperador, a mitra papal... e do "delenda" isto e aquilo, a afirmação "fazer o bem que a felicidade vem por acréscimo".

Com o predomínio do espiritual sobre o físico não deixaram de ocorrer sangrentas batalhas, perseguições injustas, algumas até mesmo em nome de Deus. Inobstante a singular

te da Alemanha, deparou-se com terríveis Druidas ao pé dum carvalho, onde iam sacrificar o príncipe Astolfo, num culto ao deus Thor. Essa árvore era sagrada, pois eles tinham os carvalhos em muito respeito e veneração, por nascer neles o visco, que colhiam com grande cerimônias, imaginando que era um dos mais preciosos dons do céu. Entretanto, Bonifácio, impelido pelo risco iminente do sacrifício do príncipe, derrubou o roble, para espanto e fuga dos bárbaros sacerdotes. No lugar nasceu um pinheiro, que então passou a ser a nova árvore sagrada,

marcha histórica desses acontecimentos, o fato é que entramos em época de mesma morada, de ecumenismo, onde todos nós temos em comum ao menos um *quid* da Causa Primeira.

Por estarmos abrigados juntos, a comemoração, por uns, do nascimento de Jesus é festa para todos, onde não há de nos faltar alegria.

Em nome do professor Carlos Alberto Salvatore, diretor Cultural da APM e dos demais membros do Departamento, desejamos Feliz Natal aos prezados colegas, extensivo a todos os vossos entes queridos.

Os 60 anos da entidade

Dando continuidade às comemorações dos 60 anos de fundação da Associação Paulista de Medicina, o Departamento Cultural, neste Suplemento, publica mais três artigos: *Homenagem às Diretorias* (Carlos Alberto Salvatore), *"Homens que são exemplo"* (Luiz Cordovani Filho) e *No 25.º aniversário da APM* (Alberto Nupieri). Os dois primeiros foram alocuções proferidas em 16 de novembro passado, quando das festividades ocorridas na sede da entidade; o último, discurso pronunciado em 23 de dezembro de 1955, por ocasião das comemorações do 25.º aniversário da APM, durante homenagem prestada aos seus fundadores.

Homenagem às diretorias

* Carlos Alberto Salvatore

O Departamento Cultural da Associação Paulista de Medicina não poderia deixar de participar das festividades dos 60 anos da APM, homenageando suas diretorias. Em 60 anos, houve mais de 34 diretorias que na dependência da duração de um a dois anos e de reeleições ultimaram exatamente 22 presidentes.

Vinte e dois presidentes rodeados de competentes colegas que dirigiram durante 60 anos os destinos da APM, transformando-a numa das maiores sociedades médicas do Brasil. Grandes nomes da medicina paulista e brasileira a enalteceram.

Por ocasião de sua fundação, em 1930, com Alberto Nupieri, Rubião Meira, Almeida Prado e outros, as primeiras diretorias foram constituídas por sete membros: um presidente, um vice-presidente, dois secretários, dois tesoureiros e um bibliotecário. Além disso, possuíam três Comissões (Sindicância, Finanças e Defesa da Classe), nove Seções Científicas, Redação de Revista, Consultoria Jurídica e Diretoria de Clube.

Souberam seus fundadores preparar forte alicerce para que sobre ele se desenvolvesse um gigantesco edifício de ciência, cultura, atividade social e defesa da classe médica que é a APM de hoje. Organização que congrega a maioria de médicos que desenvolvem suas atividades no Estado de São Paulo.

Em nosso último Suplemento Cultural divulgamos o nome de todos os membros das diretorias, pois não é possível nesta ocasião homenageá-los individualmente. Por este motivo lembraremos apenas os seus representantes, isto é, os nomes dos seus presidentes e alguns dos principais eventos ocorridos durante as seis décadas de vida da APM.

Assim, sediada inicialmente no grande edifício Martinelli, símbolo da pujança de São Paulo, na década de 30 tivemos como presidentes de diretorias os professores Rubião Meira, João Alves de Lima, Antônio Cândido de Camargo, Enjolas Vampré e Rubião Meira entre 1937 e 1942.

Os sonhos de se possuir uma sede própria, uma boa biblioteca, atividade cultural, revista, clube médico para lazer e grande atividade científica aos poucos foram se concretizando e felizmente todas as diretorias transmitiram seus planos às sucessivas, que, dentro de suas possibilidades, mercê do prestígio de seus membros, transformaram os sonhos em realidade.

As dificuldades foram sendo vencidas. Na década de 40, cujos presidentes foram em seqüência, Rubião Meira, Oscar Monteiro de Barros e Jairo de Almeida Ramos, tivemos o início da Pinacoteca da APM, em 1947, que recebeu o nome de "Sala Ernesto Mendes", por ter sido este prestigioso colega o seu idealizador e organizador.

O primeiro grupo de obras artísticas de grande valor, como as pinturas de Aldo Bonadei, Di Cavalcanti, Portinari, Volpi, Pancetti, Anita Malfatti e outros, foi adquirido por Ernesto Mendes, entre 1947 e 1950, durante três gestões consecutivas à frente do Departamento Cultural. Os quadros foram adquiridos através de doações e contribuição dos próprios médicos. Também nesta década de 40, em 21 de fevereiro de 1948, foi lançada a pedra fundamental para a construção do majestoso edifício sede da APM, projeto do engenheiro Eduardo Kneese de Melo.

Na década de 50, tivemos como presidentes da APM os professores Jairo Ramos, Benedito Montenegro, Jairo Ramos novamente, que inaugurou a nova sede neste edifício



Carlos Alberto Salvatore

em 1955, Darcy Vilella Itebê e Mário Degni. As sociedades regionais foram sendo estabelecidas pelo Interior do Estado de São Paulo.

Na década de 60, os seguintes professores presidiram a APM: Henrique Mélega, Edison de Oliveira e Ítalo Domingos Le Voci. Nesta década, a APM foi enriquecida com o Clube de Campo em Caieiras, que até hoje proporciona lazer e prática de esportes aos seus sócios, tanto para os da Capital como para os do Interior. Novas regionais foram criadas pelo Interior do Estado e as atividades científicas, mercê de reuniões mensais e congressos médicos, foram despontando com grande sucesso. Na década de 70, dirigiram a APM os professores Aldo Fazzi, Henrique Arouche de Toledo, que permaneceu de 1973 a 1977, Rui Ferreira Pires e Aloysio Geraldo Ferreira de Camargo.

Em 1972, o *Jornal da APM* começou a editar um Suplemento de História e Cultura, difundindo a vida de grandes vultos da Medicina, que excluindo uma lacuna de quatro anos, na década de 80, continua até hoje sendo publicado e honrando a memória da Medicina. Grande impulso a esse Suplemento Cultural foi encetado por Duflo Crispim Farina, o maior historiador da Medicina paulista e brasileira, que para nosso orgulho recentemente foi eleito membro da Academia Paulista de Letras.

No fim da década de 70, o atendimento público à saúde, através do recém-nascido Inamps, enfrentava grave crise financeira, a APM se preparava para intensificar a defesa da classe médica paulista.

Na década de 80, tivemos como presidentes da APM, Nelson Guimarães Proença,

Oswaldo Giannotti Filho, novamente Nelson Proença e iniciando esta década de 90 temos Celso Carlos de Campos Guerra. Logo no início da década de 80, novo lote de pinturas vieram enriquecer a Pinacoteca da APM, que hoje possui mais de cinquenta obras de grande valor, muitas das quais divulgadas há poucos anos no catálogo "A Arte na APM".

Além disso, também no início dessa década, embora delineada desde sua fundação, foi montada a Biblioteca da APM, que recebeu o nome de "Sala Dr. Duflo Crispim Farina", em homenagem ao seu criador. Conseguiu este grande beletreista e humanista, que era diretor do Departamento Cultural nessa ocasião, um dos maiores acervos bibliográficos da Medicina paulista e brasileira. Em 26 de agosto de 1986, a Biblioteca da APM foi também enriquecida com a famosa biblioteca do professor Edmundo Vasconcelos.

Nestes últimos anos a assistência médica à população vem novamente se agravando, desvalorizando a Medicina, sendo necessário consignar que as diretorias de Nelson Proença, na Associação Médica Brasileira e na APM, reviveram com dinamismo, denodo e coragem a defesa da dignidade do médico em prol da liberdade profissional, isto é, da privatização da Medicina, porque ao Governo compete somente desenvolver a medicina preventiva. Qualidade e eficácia sempre marcam a atuação do setor privado na saúde.

Além disso, sob o comando de sua diretoria, teve início grandes reformas na sede da APM, algumas das quais já concretizadas, como este belo anfiteatro e as salas para reuniões científicas.

As diretorias têm se sucedido, procurando realizar projetos que estão elevando o prestígio da APM, em prol da

ciência e cultura médica do nosso país.

Com Celso Guerra na presidência, muitos são os planos para melhorar a sede da APM, a defesa da classe médica, a cultura, as atividades sociais e, evidentemente, as atividades científicas, através de suas reuniões e congressos médicos. Assim, tivemos em junho do ano passado o excelente IX Congresso Paulista de Medicina e este ano, com idêntico sucesso, a jornada realizada em Bauru.

Paralelamente à ampliação de suas atividades, foi necessário aumentar os setores de suas diretorias. Atualmente, as diretorias da APM estão constituídas por um presidente, três vice-presidentes, um secretário-geral, um diretor administrativo, dois diretores de Patrimônio e Finanças, um diretor cultural, uma diretoria de Comunicações, outra de Previdência e Mutualismo, de Serviços Gerais, Social, e mais quatorze diretores distritais, além de cinco cargos no Conselho Fiscal, com quatro suplentes, e uma diretoria Científica, com quarenta seções, cada uma com diretoria específica às especialidades médicas.

Como vemos, procurando acompanhar o enorme progresso da Medicina e visando o bem estar da saúde da população e a dignidade do médico, a Associação Paulista de Medicina continua seu destino como pregoira dos sonhos de seus idealizadores e fundadores.

Como disse Pedro Bloch, "o tempo não se conta pelo que passou, mas pelo que se fez do tempo". As diretorias da APM merecem nossas homenagens porque não mediram esforços para engrandecê-la, para merecer a confiança dos médicos e para que estes se orgulhem de a ela pertencer.

* Carlos Alberto Salvatore é diretor do Departamento Cultural da APM

“Homens que são exemplo”

• Luiz Cordovani Filho

Senhores componentes da mesa, minhas senhoras, meus senhores, colegas! Na antiga Roma, ao jogarem, em certa ocasião, um gladiador para enfrentar um leão faminto, o gladiador agarrou-se ao leão e sussurrou-lhe algo ao ouvido e para perplexidade geral o leão correu apavorado deixando livre o guerreiro. Quando lhe perguntaram o que havia feito ao leão, respondeu: “Eu lhe disse cuidado, após o banquete vem o discurso.”

Tentarei ser breve. Na comemoração dos sessenta anos de fundação da Associação Paulista de Medicina foi-me dada a honrosa tarefa de encontrar e homenagear sócios fundadores desta Casa. Na ausência de lista de sócios restaram-nos duas opções: as listas das primeiras diretorias e a intuição. As listas das primeiras diretorias levaram-nos a dois nomes: Cesário Mathias e José Medina. A intuição levou-nos a outros dois nomes: Fortunato Gabriel Giannoni e Walter Edgard Maffei.

O prof. Medina, por problemas de saúde, solicitou não comparecer à solenidade. Tarefa árdua é homenagear três grandes homens em pouco tempo. Não bastasse o fato dos três homenageados estarem na atividade médica há mais de sessenta anos, por suas mãos formaram-se mais de três mil médicos. Com certeza a homenagem estará aquém do merecido. Como os três se equiparam em talento e envergadura citá-los-ei em ordem alfabética.

Cesário Mathias

Nascido em 1905, em São Paulo. Formou-se em Medicina em 1928 pela Faculdade de Medicina de São Paulo, à época carinhosamente chamada “Casa de Arnaldo”. Sua tese de doutoramento, *Contribuição Duodenal e Prova de Meizer-Lion*, foi pioneira na Gastroenterologia Clínica e foi Cesário Mathias um dos pioneiros da Gastroenterologia em São Paulo. Convidado pelo prof. Celestino



Na solenidade comemorativa dos 60 anos da APM, Cordovani entrega uma placa a Walter Edgard Maffei

Bourroul (híbrido de médico e santo) para ser seu assistente, iniciou a enfermaria de Doenças Tropicais e Infectocontagiosas com Oscar Monteiro de Barros.

Durante 38 anos transmitiu seus conhecimentos na Faculdade de Medicina de São Paulo. É sem dúvida alguma digno continuador das obras de Diogo de Faria e Celestino Bourroul, aos quais se equivale em dedicação, humanismo e grandeza. Fez parte da primeira diretoria da APM, sendo seu bibliotecário. Tive a honra de conhecê-lo pessoalmente há apenas alguns dias e o prof. Mathias recebeu-me em sua casa como se fôssemos velhos amigos.

Encantou-me com sua fineza e educação. Envaideceu-me tratando-me como colega. Enquanto conversávamos sobre o princípio da APM, no prédio Martinelli, já então uma sede ultramoderna, ensinou-me um sinal propedêutico: *A língua de papagaio*, que era encontrada nos portadores de febre tifóide. Enquanto eu tentava “bisbilhotar” sua vida para melhor poder homenageá-lo, o prof. Mathias exaltava as qualidades de seus professores (Celestino

Bourroul, Rubião Meira e outros).

Fortunato Gabriel Giannoni

Nascido em Itatinga, São Paulo, em 1901. Formou-se em Medicina, em 1927, pela Faculdade Federal da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Foi interno de quinto e sexto ano dos grandes Miguel Couto e Rocha Faria. Em 1928 veio para São Paulo e instalou seu consultório no bairro da Lapa, onde trabalha até hoje. Foi professor da Faculdade de Medicina do ABC durante onze anos, como titular de Propedêutica e Fisiologia.

Na Santa Casa de São Paulo, em 1928, iniciou na 6.ª Clínica de Medicina de Homens, ao lado de Oscar Monteiro de Barros, Cícero Borges de Moraes e Césario Mathias. É o atual decano da Santa Casa de São Paulo, onde está há 63 anos. Tive a honra de ser seu aluno na cadeira de Propedêutica. É digno continuador dos ensinamentos de Vieira Romeiro, de quem foi aluno, e autor de uma verdadeira obra-prima da propedêutica: *Medicina Básica*, que vendeu 5 mil livros em dez dias, e foi editado em espanhol, no México. Insis-

tia em seus ensinamentos que no estudo de um doente “a clínica é soberana”.

Walter Edgard Maffei

Nascido em Salto, em 1905, formou-se em Medicina, em 1930, pela Faculdade de Medicina de São Paulo (Casa de Arnaldo). Segundo suas próprias palavras, ao sair da Faculdade concluiu que sabia menos do que ao entrar e então resolveu estudar Medicina de verdade e pelo seu alicerce: a Patologia. É ferrenho defensor da Patologia Macroscópica. Tem o recorde mundial de autópsias. Por suas mãos passaram mais de cem mil. Nas salas de autópsia, onde lecionou e lecionava, escreve uma frase de Rocktansky: “*It est locus ubi mors graudete succurrere vitae*” (Aqui é o local onde a morte se vangloria em socorrer a vida).

Defensor de suas idéias e ideais, oriundos estes da observação de suas cem mil autópsias. Além de inúmeros artigos legou-nos duas obras-primas da literatura médica: *Bases Anatômicas da Neuropsiatria e Neuropsiquiatria e Fundamentos da Medicina*. Foi professor das Faculdades de Medicina de São Paulo, Sorocaba e San-

ta Casa de São Paulo. Estudou na França, de 1937 a 1939. É defensor da idéia de que o aluno que acompanha o caso clínico na enfermaria deve, em caso de óbito do paciente, fazer a autópsia do mesmo. Costuma dizer: “A Patologia é a razão de ser da Medicina, sem uma não existe a outra.”

É também com orgulho que fui seu aluno. É evidente que muito poderia e deveria ser dito para cada um dos homenageados, mas prometi ser breve. A APM sente-se orgulhosa em reunir estes três homens sob seu teto. Homens que são exemplo. Um, em Patologia, ensinando e mostrando “in locus” os problemas e “causa mortis”. Os outros dois, exemplos na Clínica, há mais de sessenta anos cultuando o que de mais sagrado existe na profissão que abraçamos: a relação médico-paciente.

A tecnologia, com seus ultra-sons, Raios X, ressonância magnética, tomografias etc., não veio para substituir os órgãos dos sentidos dos médicos. Os nossos sentidos e nosso sentir ainda são nossos maiores instrumentos de trabalho. A socialização da Medicina, se por um lado visava pro-

porcionar aos menos afortunados uma assistência médica digna, por outro lado veio macular a relação médico-paciente. Na década de 40, o prof. Leitão da Cunha já profetizava. “As caixas, caixinhas e caixetas levarão o médico ao caixão.”

Senhores, esta Associação nasceu para unir os médicos e não para desagregá-los; miremo-nos nestes três exemplos e roguemos a Deus para que os conservem em nosso convívio a fim de que possamos novamente homenageá-los nos setenta anos da APM.

Termino com um ensinamento árabe:

“*Há quatro tipos de homens:*

1.º) Aquele que não sabe e não sabe que não sabe. É um tolo, deixa-o.

2.º) Aquele que não sabe e sabe que não sabe. É um ingênuo, instrua-o.

3.º) Aquele que sabe e não sabe que sabe. Está dormindo. Acorda-o.

4.º) Aquele que sabe e sabe que sabe. É um sábio, siga-o.

Enquadramos os homenageados neste último item.

* Luiz Cordovani Filho é diretor do Departamento de Previdência e Mutualismo da APM.

No 25.º aniversário da APM

• Alberto Nupieri

São Paulo e a Classe Médica, há 25 anos — Há um quarto de século, São Paulo, com um pouco mais de um milhão de habitantes, era urbanisticamente um hibridismo, pois, a par de seus requinta coloniais, de seus escombros emergia, febril, a imponente metrópole atual. Uma fúria insopitável, uma flexa veloz a impelia para o grande voo. A propriedade valorizava rapidamente. Sem embargo, os herdeiros de grande legado, de um autêntico quatrocentismo, querelavam para não lhes ser atribuído no monte, um imóvel no centro, andar único, larga platibanda, 500 m², avaliado em 25 contos de réis. Achavam-no caro, um "abacaxi". Mas chamínies às centenas espetavam ousadamente o espaço, despejando pelas suas bocarras os detritos de uma intensa atividade. Era São Paulo, edificando sobre os estúlos coloniais, aos golpes da picareta demolidora e renovadora, o asombro de hoje. A Faculdade de Medicina, o Instituto Vital Brasil, o Instituto Biológico refletiam, no campo cultural, a dinâmica força de um grande povo. Mas um setor havia que estagnara, uma nota menos viva na partitura dessa magnífica orquestra. Com pouco mais de mil médicos, via-se a classe peida nas suas exigências expansionistas. Agrihavam-na os estatutos rígidos, arcaicos, da única Sociedade existente que, entretanto, não há negar, serviços sem conta lhe prestara. Poucas dezenas de médicos, o mesmo número de decênios anteriores, lotavam seus quadros. De vez em vez, seus portões venustos se abriam para um novo titular que vinha preencher uma vacância por falecimento. Estou aqui fornecendo subsídio para a história, destituído de qualquer móvel polemista. Sempre reconheci na Sociedade de Medicina notáveis serviços prestados à classe. Sempre foi um padrão de glória. Mas seu diploma não mais se harmonizava com a época, que estava a exigir sua malacabilização, sua harmonização com o surto expansionista que a nossa urbe vinha tendo em todos os setores de atividade.

Minha exposição de motivos — Recém-egresso do ambiente universitário, concebi então uma nova estrutura societária, com caráter amplo, sem restrição de número, distribuída em setores especializados, com sua modalidade social, seu bar, sua seção de jogos, seu órgão amparador trabalhista. E foi assim que, a 5 de setembro de 1930, enviei uma exposição de motivos, que era um programa, à Associação dos Antigos Alunos da Faculdade, para lhe propor a fundação, dentro desses moldes, de uma nova entidade médica. Programa assim com essa envergadura exigia iniciativa, equipe e rapidez de ação. E desde logo começamos a operar. Centenas de colegas dessa geração, que vai melancolicamente crepusculando, procurei em seus consultórios, paciente-

de um amanho da terra para a sementeira. Nessa peregrinação diária, teimosa, tivemos de pronto, um núcleo de colegas entusiastas que se incorporou à cruzada. E foi esse grupo que empunhou e carregou entusiasticamente a fúmula.

Rubião Meira endossou a idéia e lhe emprestou o concurso robusto do seu nome, do seu talento e do seu prestígio. Diariamente lhe frequentávamos o consultório e, entre uma consulta e outra, procurávamos adesões por telefone. Formaram logo: Cesário Mathias, Oscar Monteiro de Barros, Felipe Figliolini, Barbosa Corrêa, Atahyde Pereira, Ernesto Moreira, Espírito Santo, Belfort de Matos, Ferraz Alvim, Marcus Lindenberg e outros. Listas de adesões a cargo de Cesário Mathias, Barbosa Corrêa, Felipe Figliolini, etc., e, após um trabalho continuado, 200 aderentes. Mas muita luta tivemos que enfrentar. Não se pense que revivemos o "veni, vidi, vici" de Júlio César. Certo, a Associação foi uma realização a jato, evocou o espírito empreendedor bandeirante, pela sua ousadia e amplitude de ação. Mas é evidente que só uma equipe homogênea, impelida e fanatizada pela fúmula de um ideal, poderia levá-la a bom porto. E tudo em ritmo acelerado. O tempo era fator precioso, para evitar desânimos, não fosse a tardança estolar a iniciativa. Pois, como era de esperar, não faltou a campanha dissolvente. Sarcasmos, rixotas e esse estranho atributo da psicologia humana — o misonismo, a aversão a todas as iniciativas — manipularam suas armas negativistas. Mas predominou o espírito de renúncia, a indiferença aos rios escarninhos e à campanha depreciativa dos que se haviam arrolado na maratona. Esse o material que alicerçou a Associação, a catapulta que lhe possibilitou a vitoriosa trajetória e seu amplo horizonte.

Peregrinação pelos consultórios

Foi laboriosa a peregrinação pelos consultórios. Reações diversas, muitas simpaticamente receptivas. Mas havia os que de pronto assinavam a lista, impacientes de se verem livres do importuno, certos da inexequibilidade da idéia. Outros me olhavam compungidos de alto a baixo, de baixo para cima e depois me obrigavam a "repetir o disco". Abram a porta do consultório. E eu lia na sua fisionomia: De onde teria saído esse canção tão atrevido? E realmente era um canção: 50 quilos, inclusive, inda que pareça incrível, alguns quilos de cabeça revolta.

Os pingüins de Anatole France e... os outros... Outros... Ah! Estes quantas vezes e ainda hoje estão a estocar no meu espírito os pingüins de Anatole France, em sua obra "A Ilha dos Pingüins". Frei Saint Maël, na decrepitude de octogenário, impeliu por mística insopitável, empreende a catequização dos incrépulos. Navega em tina de pedra, aporta em uma praia dos mares nórdicos, percorre-a até uma plata-

forma de rochedos. Pareceu-lhe aí, à distância, vislumbrar formas animadas, dispostas para uma multidão de homens sobre os degraus de um anfiteatro. E começou a arenga. Mas os seres que o bom evangelista tomara como homens não passavam de pingüins aí aboletados, indiferentes à mensagem divina emperdigados na sua majestade de ventres brancos. E durante três dias e três noites, batizou os curiosos pássaros. Sua escassa visão deu-lhe a noção de indivíduos de pequena estatura e solene andança.

Não os consegui batizar a esses.

Era como se eu lhes fosse pedir a decifração dos logógrafos que tanto esforço exigiu de J. B. Champollion. Com muitos topei eu. Posu-dos, emperdigados, alguns de ciência concentrada nas barbas esvoaçantes. Às vezes batiam paternalmente no meu ombro e me davam conselhos preciosos: "Não se meta moço". E eu, solto, ia azucrinar o colega do apartamento vizinho. E aquele colega, ulteriormente, veio a prestar bons serviços em uma de suas Diretorias. Mas é assim a psicologia humana. O general do exército napoleônico sintetizou-a em poucas palavras. Conspirador frustrado, perguntou-lhe o genial corso, ante o Conselho de Guerra: "Quem são seus cúmplices?". "Toda a França e vós mesmo, se eu tivesse triunfado", respondeu.

A minha pastinha, o Partido Democrático e a política

Porém, nessa época, setembro de 1930, o País mergulhava em agitada efervescência política. O Partido Democrático nada conseguira em sua campanha saneadora. O PRP dominava toda a máquina eleitoral, a ferro e a fogo. Presentia-se, em todos os quadrantes nacionais, os pródomos da revolução que havia de eclodir a 30 de outubro. Presidente do colégio democrático do Brás, era eu visado pelos esburros políticos. Aquela pastinha que diariamente, pela manhã, à tarde e à noite, sobrava, na minha jornada pelos consultórios, lhes aguçava sobremaneira a curiosidade. Cheirava-lhes a conspiração. E uma tarde, ao chegar ao portão de minha casa, na avenida Rangel Pestana, dois indivíduos, com voz melíflua, convidaram-me para um cafezinho com o sr. delegado de polícia. Preliminarmente, arrebataram-me a pastinha. E foi uma luta para convencer a autoridade que aqueles nomes encontrados na pasta não eram de revolucionários, mas de pioneiros de uma cruzada mais pacífica. Durante horas aguardei o cafezinho, sob os olhares inquisitoriais do delegado e auxiliares, enquanto examinavam avidamente a papelada. E foi sorte não invadirem o meu quarto, pois teriam deparado com uma caixa de 50 quilos de grana-da de mão, recebidas de Carneiro Leão, em seu apartamento na rua Martim Francisco. Mas estava ven-

do a etapa inicial, a Associação seria apresentada com a estrutura originalmente concebida. Pois havia os puritanos que não admitiam bar e clube. Pessoalmente, não jogava; escopa, escopone e canastra, algumas vezes, mas no jôgo sou um canastrão. Não obstante, bati-me energeticamente por esses setores.

A histórica reunião de 29 de novembro — Com as adesões de mais de 200 médicos, a 29 de novembro, decorridos pouco mais de dois meses de minha exposição de motivos, a primeira reunião, na sede da Faculdade de Medicina, o fidalgo solar da rua Brigadeiro Tobias. Esta foi também cuidadosamente preparada: durante dois dias, o meu telefone trabalhou sem descanso, tendo mobilizado todas as pessoas de minha família. E a reunião foi uma magnífica concentração da classe, a ela comparecendo pouco mais de cem colegas, número respeitável para a época. Presidiu-a Rubião Meira; eu a secretária. Cintra do Prado hipotecou a solidariedade da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade e Ferraz Alvim propôs a denominação vencedora.

A Faculdade de Medicina e o Instituto de Higiene foram seus primeiros locais. E sem demora começaram a funcionar suas Seções: Medicina, Cirurgia. E logo depois, Pediatria, Obstetria, Urologia e Neurologia (esta sob os auspícios de Ferraz Alvim). Decorriam os dias, crescia o entusiasmo pela nova Sociedade e o quadro social se dilatava seguindo um ritmo acelerado. O gelo da indiferença, que, numa irônica interrogação, ameaçava no nascedouro a iniciativa, se ia fundindo gradualmente. O misonismo, a hostilidade, transformaram-se numa expectativa simpática e depois, em franca adesão. Era preciso aproveitar essa atmosfera, para que uma delonga nas realizações não se transformasse em descrença e fracasso. Urgia, pois, cuidar da sede. O local escolhido não podia ser mais feliz. O 13.º andar do prédio Martinelli estava apenas no arcabouço e o seu proprietário, comandante Martinelli, prontificou-se a adaptá-lo às necessidades da sociedade. Houve concorrência para a melhor montagem da sede, saindo vencedor o projeto Warchawchik.

As noites no Martinelli

Foram três meses de trabalho, 90 noites ininterruptas no local. Plantas na mão, corrigindo, revisando, avançando, retrocedendo. Pela madrugada adentro. Quando deixávamos a sede pela uma hora da madrugada nos dávamos por felizes. E uma noite, Figliolini, com fisionomia de profunda tristeza, quase chorando, disse-me que havia 15 dias não conversava com os filhos. Residia em Santana, saía cedo, com os filhos ainda no leito; almoçava no centro e, quando voltava de madrugada, os filhos já tinham voltado para o leito. Ernesto Moreira e Potiguar Medeiros ma-

nejavam judaicamente as escassas receitas. Compromissos: 1.800\$000 de aluguel, acrescido pouco depois de 200\$000; despesa de 70.000\$000; receita: 6.000\$000! Potiguar criou um complicado sistema de apólices, da ordem de 50 contos de réis, jeitosamente impingidas aos laboratórios que, num gesto de simpática colaboração, desistiram do seu resgate; Rubião Meira aceitou títulos de Mappin Stores, na importância de 180 contos, recusando o aval que nós lhe havíamos proposto. Estávamos todos obsecados. Arca-

va eu, ainda, com o ônus da secretaria de uma entidade em organização. Uma noite, Jairo Ramos, de tacho em punho (e eu com outro), ao redor de uma mesa de bilhar, me disse: "Você é secretário, datilógrafo, moço de recados". E não havia outro remédio. Tarefa ingente, recursos parcos. Aproveitei para agradecer-lhes as referências que me fez no artigo publicado em "O Estado de S. Paulo" do dia 18 último. E aqui estou a lembrar-me de uma circunstância curiosa que me deu alguma dor de cabeça: o telefone. Um grupo de caçados, maridos exemplares, queria-o claudesino; nada de número na lista. Mas venceu o dos solteiros. Barbosa Corrêa foi o gigante da revista: plasmou-a e consolidou-a; Cesário Mathias e Cintra do Prado encarregaram-se da ingrata tarefa de obter, no Rio de Janeiro, o concurso dos laboratórios locais. Fidalgamente recebidos, mas muito sucesso artístico e pouco de burocracia. Atahyde Pereira foi o artista da sede, um mago, incansável, sempre de revistas especializadas em punho, na ânsia de aperfeiçoamento. E uma referência especial diversa a Pedro Monteleone que, em "A Gazeta", deu relevo aos acontecimentos que acompanharam a fundação da Associação. Como secretário, sempre encontramos a mais fidalga receptividade aos nossos trabalhos e às nossas necessidades publicitárias. O mesmo não podemos dizer de um grande diário, orientado em sua seção adequada por um desses barbaças-pingüins da época. A Monteleone e a "A Gazeta", nos agradecemos.

Inauguração — Finalmente, a inauguração. E a 15 de setembro, a Associação Paulista de Medicina se engalanava para uma surpreendente realização. Uma nova estrela, de brilho incomum, sulcava o

cenário cultural do País. Havia decorrido pouco menos de 12 meses de minha exposição de motivos à Associação dos Antigos Alunos da Faculdade. Brilhante acontecimento científico e mundano. Presentes, o interventor federal, ministro Lado de Camargo; o secretário da Educação, prof. Almeida Prado, o prefeito municipal, exponents da cultura paulistana; quinhentos convidados lotavam as magníficas dependências da sede. Um microfone enviava a todos os recantos as vozes dos oradores.

"Pois, senhores", disse Rubião Meira em seu discurso, "tudo o que aqui está, na apresentação das tapearias deslumbrantes, dos móveis de finura artística, e das luzes cintilantes, que maravilham, surgiu repentinamente, como se fosse tocado, em sua exibição, pela vara de um mágico, obreiro de feitiçarias. Estais, portanto, não diante de maravilha que atordoa e obumbra o conhecimento exato das coisas, mas diante da conquista da vontade humana, do poder decisivo e forte, da energia criadora". E Almeida Prado: "A par do lado puramente científico, que é a razão de ser de sua existência, não vos esqueçais de pôr à frente de vossa Associação, a palpitar como uma flama, o lema da união e da solidariedade de todos os médicos paulistas".

O surto invulgar da Associação Paulista de Medicina se deve a três fatores: a oportunidade do seu lançamento, como exigência da época; a descentralização científica nos diversos setores especializados; a unidade social, como centro de recreação. E nesta noite de confraternização e homenagem a seus precursores, sustentáculos e artífices, o nosso pensamento se dirige melancolicamente para os que já se foram e que, certamente, lá do além, continuarão velando pela sua e nossa criação. Com um quarto de século de existência, a Associação carrega em sua esteira um imenso acervo de serviços prestados à cultura do País. Como paulistas e brasileiros, dela nos orgulhamos, pois que realizamos obra nacionalista. Todos os que aqui estamos sendo homenageados, consignamos nossos agradecimentos. A homenagem bem compensa as ânsias, as atribuições da nossa cruzada. Muito obrigado.

*Alberto Nupieri foi um dos fundadores da APM.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } Tertúlia
Carlos Kleber Canova }

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nelson Pedral Sampaio } Pinacoteca
Wanda Gondia }